

Fins-de-Semana

- Et... le subject de ce roman?
- Il n'en a pas [...]. Ce que je veux, c'est présenter d'une part la réalité, présenter d'autre part cet effort pour la styliser [...].
- Mon pauvre ami, vous ferez mourir d'ennui vos lecteurs.

André Gide, *Les Faux-Monnayeurs*

É o primeiro dia do ano. Não há ninguém na aldeia. Apenas os elementos que lhe pertencem por direito próprio — as casas, o forte, o mar que tem hoje alguma violência, o café fechado, os carros que dão a volta no largo e que seguem para parte incerta ao nosso olhar. Vão para além da estrada, para um destino que roda uma prudente velocidade no evitar os buracos causados pelas últimas chuvas.

São nove da noite. Álvaro fechou o baixo portão que dá para o jardim da sua casa, seguiu pela rua sobre o mar em direcção à casa do irmão. Bateu à porta. A pequena Maria abriu a porta e Álvaro perguntou-lhe: — “Onde estão os teus pais?”

— “Lá em cima, tio.”

— “Posso subir?”

— “Sim.” Respondeu-lhe a cunhada da sala ao cimo das escadas.

— “Alda, estão aqui os bolos. O bolo-rei tem menos uma ou duas fatias. Vem também uma *tarte* de maçã. Tem muito creme. Se não a quiserem, deem-na fora.”

A cunhada e o irmão estavam a ver na televisão os depoimentos dos romenos. Seguiam com atenção o desenrolar de quotidianos feridos. Maria queria mudar para o outro canal, somente porque desejava mais atenção.

— “Fazes-me o ditado, tio?”

— “Não. Não me posso demorar. Está frio e tenho ainda que escrever cartas.”

— “O outro tio?”

— “Ficou a ler.”

— “E o teu amigo?”

— “Já se foi embora.”

— “Para onde?”

— “Para Lisboa.”

— “Ele é casado?”

— “Sim.”

— “Então onde ficou a mulher dele?”

— “Não veio. Foi visitar os pais à Califórnia. Foi passar com eles o Natal e o Ano Novo.”

— “Foi sozinha?”

— “Foi. Não sejas curiosa. Pede à tua mãe que te faça o ditado. Até amanhã.”

Regressou a casa. A rua estava escura. Candeeiros com lâmpadas fundidas, levavam-no com atenção às poças de água. O gato Pistola estava parado à sua espera, atento ao bater da porta. Seguiu-o a alguma distância, para depois se perder nos quintais vizinhos e na noite. Uma lua crescente. O mar. O portão que voltou a abrir e a fechar. Entrou em casa. O gato já corria no jardim e trepava, agora, pelo tronco alto do único mióporo que não fora podado, uns dias antes, como todos os outros. Parte dos seus ramos estavam secos. Sem folhas. Queimados pelo vento e pela água salgada.

Entrou em casa.

— “Puseste mais lenha na lareira, foi?”

— “Se a vês aí, foi porque pus.” Disse, rabujento, enquanto escrevia, sentado na cadeira mais próxima do fogo. Júlio não admitia a menor interrupção, mas Álvaro continuou:

— “O Pistola seguiu-me e esperou que eu saísse. Não veio atrás de mim e não o consegui apanhar. Mas apareceu-me já aos pulos dentro do quintal. Ele passeia-se por longe.”

— “Sim.”

— “Estás numa de não falar. Vou lá para dentro escrever cartas.”

— “Sim.”

Passado um bocado voltou à sala. Pôs mais uma acha na lareira. Tirou de uma gaveta de um estreito armário uma tesoura. Pegou no *caderno 3* do *Independente* e começou a recortar a sua colaboração no último número. Júlio pede-lhe: “Tira também o que eu digo. Mas assim espalhado por todo o jornal não dá nenhum jeito.”

— “Já tirei.”

Voltou para o quarto onde escrevia. Mal se sentou à mesa, o gato pôs-se a miar por detrás dos vidros. Abriu a janela. “Entra, entra.” O gato entrou e seguiu para a cozinha. Voltou à sala. O lume ardia bem. A sala estava quente. Sentou-se na outra cadeira perto da lareira. Pegou numa pequena pasta forrada a pano e pousou-a sobre os joelhos. De dentro dela tirou papel de carta e um envelope. Começou a escrever. Fungou. Fungou, de novo, sobrepondo-se à cassette que se estava a ouvir. Chet Baker que cantava baixinho.

— “Estás constipado?”

— “Não.”

— “Então assoa-te.”

— “Sim.” E começou a espirrar.

Deu algumas voltas pela casa. Escreveu, ainda, um postal. Não sabia a direcção. Meteu-o na pasta com as coisas que iriam seguir, dentro de dois dias, para Lisboa. Foi para a cozinha e pôs água ao lume. Para os sacos. Tinha, desde muito cedo na sua vida, aquele hábito. Um saco de água quente nas noites de inverno. Quando não estava em sua casa, quando viajava nos dias frios tinha por costume pôr aos pés a almofada. Também servia para aquecer. Deitou-se cedo. Foi, primeiro, ao quarto onde tinha a roupa que vestia e também o pijama e o roupão. Vestiu-os. Levou para a despensa umas cuecas, uma camisa e um lenço sujos e guardou-os num saco que seguiria com a roupa suja para Lisboa. Juntou a lenha que ainda ardia na lareira. Voltou à cozinha. Tomou meio comprimido de Lexotan. Foi para o quarto. Deitou-se na sua cama, ao lado da cama de Júlio. Duas camas de madeira escura. Baixas. O rádio já estava aceso. Uma sonata para piano de Boulez. Uma mosca voava de uma cama para a outra. Mosca de inverno que se devia ao sol que estivera na tarde do primeiro dia deste ano e também a uma janela que ficara aberta, enquanto tinham ido almoçar a Peniche. Ele, Júlio e Duarte.

Agora, deitado, pensava nesse almoço de peixe, na avenida do porto. Como se chamaria aquele teólogo de que Duarte falara, que actualizava um deus escondido. Um deus que preferia não se revelar. “Não se pode saber da existência ou não-existência de deus.” Dizia Júlio. “De nada nos serve saber. Não se pode conhecer deus.”

Estavam os dois, Júlio e Duarte, escandalizados, porque numa entrevista Rodrigo C. tinha dito que era feliz, porque não precisava de acreditar em deus. Quando Álvaro estivesse com Rodrigo havia de lhe perguntar como era essa felicidade. Mas talvez se esquecesse até lá. Duarte foi-se embora. Regressara a Lisboa ao começo da tarde. Ficara de comprar bilhetes para o espectáculo da Amália no Coliseu, na próxima semana. Levava as cem primeiras páginas do próximo romance de Álvaro. Iriam ver-se dentro de dias, ao almoço. Entregar-lhas-ia lidas e com a sua opinião.

Júlio acabou de se deitar. O aquecedor ligava e desligava. Tinha o termóstato no ponto 4. Seria um acender e apagar, um ligar e desligar ao longo de toda a noite. Álvaro gostaria de saber o nome do coral que cantavam pontuado por um órgão, mas não ouvira o locutor dizer o que era. Talvez não perdesse o nome quando terminasse. Mas Júlio queria mudar de posto. Queria ouvir o noticiário.

— “Muda lá. Também começo a ouvir-se mal.”

Maré negra nas praias marroquinas. Petroleiro... A Albânia mantém a sua fidelidade ao marxismo-leninismo. Televisão leste-alemã... Centenas de recrutas da R.D.A. pedem melhores condições nas casernas. Mais de metade dos homicídios em Washington... Primeira edição do jornal *Público* já não sai hoje. Júlio riu-se.

— “Põe lá outra vez na 2.”

— “Sim.”

— “Mas já desapareceu, não foi? O que é que está a tocar?”

— “Não sei.”

Júlio lia o 2º volume das *Obras Poéticas* de Nemésio. Álvaro vivava, de quando em quando, uma página de um policial de enredo holandês. O aquecedor voltara a acender. Voltara a apagar. O mar como ruído de fundo. Um ruído manso; um ruído próximo pontuava a noite daqueles dois. Álvaro fechou o livro. Deitou para o chão a almofada. Adormeceu. Pouco passava da meia-noite. Júlio continuou a ler. Acordou às três e meia. O rádio continuava ligado e em vez do programa 2, havia uma conversa entre o locutor e um ouvindo

te sobre nossa senhora de Imeranjá. Qualquer coisa brasileira, que talvez se escreva mesmo de outro modo. Dizia o ouvinte que era o correspondente a nossa senhora da Conceição e que por sua causa, a noite de ano novo fôra passada numa praia dando sete pulos para dentro das sete primeiras ondas, tal como fizera durante os anos em que vivera no Brasil. O pequeno rádio estava na cama de Júlio, junto à cabeceira. Acordou-o e disse-lhe para sintonizar o programa 2. Um estudo para piano, ouvia-se agora. Acordou mais. Levantou-se e foi à cozinha. Bebeu leite. Comeu uma fatia de bolo inglês. Acendeu a luz da sala; o gato dormia na cadeira junto à lareira; na cadeira onde sempre o seu pai se sentava, ou sua mãe, ou Júlio. Mesmo qualquer visita, de inverno, queria aquela cadeira a desfazer-se de caruncho, coberta de almofadas. Álvaro nunca se sentava nessa cadeira. Escolhia sempre a que estava do outro lado. É esquerdino, só se sente bem se ocupar a direita, onde quer que esteja.

Apagou a luz. Voltou à cozinha. Acendeu a luz exterior sobre a porta da cozinha. O quintal estava limpo de folhas e as árvores, podadas, não passavam de baixos troncos sem ramos. Cortados num dos últimos dias do ano, haveriam de desenvolver-se em ramos e folhagem nova ao longo dos próximos fevereiro e março. A estas horas da manhã o chão estaria coberto de caracóis e um ou outro dos sapos verdes saltaria no maciço de aloés. Apagou a luz. Já bebera nova chávena de leite. Voltou para o quarto, primeiro foi mijar. Enquanto o fazia lembrou-se de sua mãe dizendo-lhe, na noite de Natal, sentada na cadeira de madeira a desfazer-se: “No próximo verão que vem, hei-de tirar a espuma destas almofadas. Já estão muito velhas. Vou encher com ela almofadas novas. De que tecido as hei-de fazer?”

— “Liso e de uma só cor, como essas.” Respondera-lhe.

Regressou ao quarto. O aquecedor voltou a ligar, de novo, quando abriu a porta. Deitou-se e, antes de apagar a luz e de adormecer, leu algumas folhas do romance policial que se passava no Norte da Holanda, perto de Groningen. Quando fechou os olhos e o sono veio, já tinha esquecido parte da acção. Quando o retomasse releria essas páginas. Adormeceu. O mar ouvia-se, agora, muito.

Passaram três dias. Hoje é dia 4 de janeiro. Parece-lhe que não fez nada, mas talvez tenha feito algumas coisas. Ouviu a chuva. Foi uma ou duas vezes a Peniche. Tratou da mudança dos pneus do car-